

ARCHIVO ARCHITECTURA CIVIL JORNAL

ASSOCIAÇÃO DOS ARCHITECTOS PORTUGUEZES

ARTE-SCIENCIA-HISTORIA

PHILOSOFIA DA ARTE
APRECIAÇÃO DAS CONSTRUÇÕES DOS EDIFÍCIOS
PÚBLICOS E PARTICULARES
STEREOTOMIA
BIOGRAPHIA DOS ARCHITECTOS NACIONAES
E ESTRANGEIROS

HISTORIA MONUMENTAL
DECORAÇÃO PERTENCENTE A ARCHITECTURA
CONSTRUÇÕES URBANAS E RURAES
ARCHEOLOGIA
REVISTA ESTRANGEIRA SOBRE O PROGRESSO
DAS BELLAS ARTES

ACOMPANHADO DE ESTAMPAS

NO EDIFÍCIO GOTHICO PARA ARCHEOLOGIA NACIONAL, NO LARGO DO CARMO

LISBOA

TYPOGRAPHIA DA GAZETA DE PORTUGAL

20, Travessa da Paroquialha, 20

1865



ARCHIVO DE ARCHITECTURA CIVIL

JORNAL

DOS

ARCHITECTOS PORTUGUEZES E ARCHEOLOGOS

SUMMARIO

Architectura em Portugal; *Elogio historico de João Frederico Ludovice;* por I. Vilhena Barbosa.—**Biographia;** *O pintor e gravador a agua forte, Dirk (Rodrigo) Stoop;* por S. H.—**Associação dos architectos civis portuguezes;** *Synopse dos trabalhos da associação do segundo trimestre;* por P. J. F. da Costa.—**Sciencia — ventilação;** por J. J. Marques.—**Architectura;** *Estudos de architectura civil* por J. da C. Sequeira.—**Construção—Mappa Demonstrativo;** *dos diferentes materiaes de construção que ha no reino de Portugal; districto do Porto.*—**Boletim do trimestre;** *Julho a Setembro,* por J. da S.—**Explicação das estampas** do 1.º e 2.º numeros d'este jornal.—**Bibliographia.**—**Importante resolução** tomada pela associação dos architectos, para o desenvolvimento das artes industriaes em Portugal.

ARCHITECTURA EM PORTUGAL

ELOGIO HISTORICO

DE

JOÃO FREDERICO LUDOVICI

Não permite a pressa que levo, que especifique exemplos para corroborar as minhas asserções. Todavia sempre direi que as partes da Sé de Lisboa, que são obra de D. Affonso IV provam que a architectura e a escultura continuavam a progredir, assim como dão igual testemunho, em relação ao reinado de D. Pedro I o seu mau-soleu e o de D. Ignez de Castro, feitos em vida d'este monarcha, formosos e cheios de significação na architectura, ricos e quasi dedicados na escultura.

A architectura gothica, ou ogival, que na sua introdução n'este paiz, no começo do reinado de D. Affonso Henriques, fôra deturpada com feições dos estylos arabe, e bysantino, principiava agora a regenerar-se, tendendo para a sua pureza, que depois attingiu.

Abriam esta época gloriosa para as artes os triumphos das armas portuguezas. A batalha d'Aljubarrota, firmando a independencia de Portugal; e a conquista de Ceuta, dilatando-lhe o nome, e dando-lhe vulto de grande nação, estimularam os brios nacionaes, e elevaram o espirito publico á altura d'onde saem communmente os genios que illustram as sciencias, as letras e as artes.

A grandeza e harmonia das idéas nas regiões da politica, e o ar-rojo e poesia dos commettimentos retratavam-se perfeitamente nas artes, sobre tudo na architectura e escultura, que chegaram n'esse periodo memoravel da nossa historia a subido gráu de esplendor. Os monumentos d'essa época são, pela magestade das suas proporções, pela harmonia entre todas as suas partes, pela severidade e nobreza das linhas, e em fim pela graciosa invenção e sabia distribuição dos ornamentos, uma verdadeira epopêa das empresas cavalleirosas d'el-rei D. João I e de seus filhos.

No reinado de D. Affonso V principiou a degeneração do gothico

puro. Posto que esta variação, como todas as outras, nos viesse de fóra, é certo que n'esse reinado de guerras caprichosas, e de anarchia governativa, tambem os costumes publicos começaram a degenerar da sua anterior rigidez e simplicidade.

Completoou-se aquella degeneração da architectura gothica no reinado d'el-rei D. Manuel, constituindo o estylo gothico florido. Aqui temos igualmente a transição na architectura, acompanhando a transição na vida social dos portuguezes. No mosteiro de Belem, typo do gothico-florido, alliança caprichosa, mas engraçada, dos mais opostos estylos architectonicos, rico muzeu de variadissimos specimens de ornamentação imaginosa e delicada, estão escriptos os descobrimentos e conquistas do rei afortunado, as façanhas dos portuguezes em todos os mares e regiões do globo, e a transformação que iam operando em seus habitos e costumes, as riquezas e o trato commercial com tantas gentes estranhas.

O mosteiro de Belem foi o ultimo edificio gothico que se construiu na Europa no seculo XVI. Ainda os seus esculptores, manejando o scopro, tiravam do marmore aquellas esbeltas columnas, brincados labores, e rendas subltis, que todos admirâmos, já a architectura do renascimento dominava absoluta em toda a Europa. Chamaram-lhe do renascimento das artes, em homenagem ás artes da Grecia, e em desprezo e condemnação do estylo gothico.

Esta revolução nas artes foi determinada pela reacção nas idéas contra o feudalismo e os excessos do poder theocratico. Já lavrava no espirito dos homens estudiosos, quando veio apressal-a, e dar-lhe mais força, a queda do imperio do Oriente. A tomada de Constantinopola por Mahomet II obrigou os sabios e artistas a expatriarem-se, e buscando asylo na Italia ali levaram e derramaram novas sementes da civilisação. Começaram pois a revolução nos costumes e nas artes, os philosophos apreciando e inculcando as instituições gregas e romanas, como o typo da perfeição na organização da sociedade. Popularisaram-n'a os poetas cantando em suas lyras os heroes d'essas duas grandes nações. Completaram-n'a os artistas renegando o estylo gothico, como typo de eras de ignorancia e de barbaridade, e indo buscar inspirações aos monumentos gregos e romanos.

A architectura do renascimento das artes, é pois, como um padrão

1 Continuação do n.º 1, col. 13.

que está commemorando a queda do feudalismo, o enfraquecimento do poder temporal dos papas, o principio da moderna civilização. Nesta mudança não renasceram taes quaes eram as artes da Grecia e de Roma. Apenas serviram de base a um novo estylo architectonico affeioado ás idéas e necessidades da nova phase da civilização. Como succede commummente aos vencidos em todas as revoluções, o estylo gothico, não só foi proscripto, caiu na execração publica.

Póde porém perdoar-se-lhe o anathema contra essa architectura tão apropriada aos mysterios da religião, porque os novos apostolos da arte souberam erigir, principalmente na Italia e na França, magestosos e formosissimos monumentos.

Mas por que será que, levantando-se por toda a parte nos seculos xvi e xvii tantos e tão bellos specimens d'este genero d'architectura, só Portugal ficou quasi privado de os possuir? digo quasi porque apenas conta um o claustro dos Filippes no convento de Thomar. Foi certamente, e não ha outra razão, porque coincidiu a introdução da architectura do renascimento n'este paiz com o principio da decadencia da monarchia. E as artes, bem o sabeis, só medram e brilham no meio da prosperidade publica.

Em quanto D. João III fazia construir, segundo o gosto do renascimento, a capella mór da igreja de Belem, em substituição da que fôra primitivamente delineada, em harmonia com o resto do templo, estremecia em seus alicerces, e principiava a fender-se, o grande imperio d'el-rei D. Manuel, e inoculava-se no corpo social o virus que havia de entibiar-lhe o ardor, quebrantar-lhe o animo, e abafar-lhe no peito o amor da patria, até deixar cair, como escravo em mãos estranhas, o reino que dictára leis a tantos e tão poderosos soberanos.

Essa decadencia, que caminhou com passos de gigante até nos precipitar no abysmo, aonde perdemos a nossa independencia; depois a oppressão de Castella systematicamente dirigida a quebrar-nos todos os brios e aspirações de povo livre; tudo isto, actuando por tantos modos moral e physicamente em todas as nossas relações sociaes, produziu, entre infinitos males, maior corrupção nos costumes, abandono e desprezo das artes, e completa perversão no gosto d'ellas.

I. DE VILHENA BARBOZA.

Continúa.

BIOGRAPHIA

O PINTOR E GRAVADOR A AGUA FORTE

DIRK (RODRIGO) STOOP

Podémos alcançar de um erudito e incansavel investigador da historia das nossas artes o artigo que adiante segue, e a permissão de publicar tão interessante estudo. Impoz-nos, porém, o auctor a obrigação de lhe occultarmos o nome. O leitor julgará, sem duvida, excessiva a modestia. Aquelles apontamentos para a biographia de um pintor-gravador, pouco estudado e conhecido entre nós, apesar do muito que merecia sel-o, são curiosos e instructivos. Pela minha parte, não me peja dizel-o, pouco ou nada sabia da vida d'aquelle artista e das interessantes gravuras historicas que deixou.

Os mais ávidos de se instruirem na historia das bellas-artes em Portugal, encontram difficuldades de tal ordem, que é mister muito tempo e muita força de vontade para as vencer, quando ellas são venciveis.

Não temos uma historia das nossas artes. Ha materiaes para ella, ha estudos variados e memorias de diverso valor e importancia, que sem duvida ministram uteis subsidios, mas não ha um trabalho definitivo, completo, que se possa adoptar como guia seguro.

Força é dizel-o, ainda que nos pese: é a um estranho que devemos a obra mais importante para a historia da arte portugueza. Comtudo, as cartas do conde Racynski, são, como o nome o indica, uma collecção de apontamentos, de memorias, dispostas sem muita ordem, contradizendo-se muitas vezes, segundo as novas informações que o auctor ia colhendo; não são uma compilação systematica e madura dos estudos do illustre allemão. Muito comtudo

lhe devemos. A questão tantas vezes ventilada, ácerca do nascimento e obras de Grão Vasco, foi conscienciosamente discutida nas «Cartas» e esclarecida com a publicação de documentos ineditos que muita luz lançaram sobre a controversia. Outro merecimento ha ainda nas Cartas: o zelo do conde levava-o a consultar todas as pessoas que lhe podiam ministrar subsidios para a tarefa que se havia imposto: e na sua obra publicou quasi sempre integralmente, algumas vezes por extracto, mas sempre com designação de procedencia, os apontamentos que lhe davam. Acham-se assim reunidas n'aquelle volume, não só noticias de summa importancia, mas doutos comentarios, e as opiniões de pessoas cuja proficiencia n'estas materias é conhecida.

Taborda e Cyrillo são incompletos, e quasi sempre faltos de critica. Nas paginas que escreveram encerram-se porém informações curiosas que se teriam perdido se aquelles escriptores não as tivessem ali conservado.

«O Insigne Pintor» de Vieira, é mais uma *apologia pro vita sua* do que o estudo de um talento que muito util seria conhecer. Ha ainda algumas memorias e monographias dos srs. patriarcha S. Luiz, Abbade de Castro e Varnhagen, e com estes nomes se encerra a lista dos auctores que trataram das nossas bellas-artes.

Poucos são na verdade; mas quando se attende ao desfavor com que n'esta terra se olha para as artes, é forçoso confessar que nem tantos escriptores se podiam esperar. E de feito que attenção e que amor se consagra ás artes? Que somma se lhes vota no orçamento do Estado? O que são as escólas de bellas-artes, as galerias publicas, e os museus?

Se não fôra a munificencia dos nossos soberanos, a iniciativa de alguns particulares, os esforços de duas sociedades que ahi existem, e sobre tudo o amor que os nossos artistas consagram á arte, a energia com que combatem os obstaculos que de todos os lados lhes difficultam o caminho, as artes do desenho teriam ha muito desaparecido de Portugal.

Ouço a muitos que o nosso paiz não é sufficientemente abastado para proteger as artes; que só podem ser paizes artisticos os que tiverem a receita publica superior á despeza; que só podem ser Mecenass, os que ao gosto e amor do bello juntarem riqueza; que as artes são um luxo, e que não tem luxo quem mal pôde comprar o sustento. Estes argumentos, e quejandos, ouvi-os a um homem d' estado, dos primeiros e mais illustres politicos que ha na nossa terra.

Respondi-lhe, pedindo-lhe que lêsse o admiravel livrinho de John Ruskin: *Political Economy of art*.

É laborar em erro suppôr que para dar impulso ás artes e protecção aos artistas, são indispensaveis grossas sommas. Bem pobre era Athenas quando começou o desabrochar d'aquelle esplendida era, que de Pericles recebeu depois o nome. Bem pobres eram as pequenas republicas da Italia central na idade media, Piza, Sienna, Florença e comtudo d'ellas partiu o impulso que em poucos annos deu ao mundo a arte italiana com todos os seus prodigios.

A demasiada riqueza abafa o verdadeiro desenvolvimento artistico. O ouro afoga a arte. Roma no auge do seu esplendor não conseguiu nunca ter artes verdadeiramente nacionaes, a não ser talvez em alguns poucos edificios que se podem chamar romanos, não tanto pela originalidade da fôrma, ou da decoração, senão pela maneira como esta era applicada, e pelo systema de construcção solido, duradouro, eminentemente util, sacrificando a apparencia á conveniencia, não buscando a perfeição esthetica, mas a mais perfeita accommodação do edificio ao seu destino. Riquissima foi a Roma de Leão x, mas não poudo manter a arte na altura a que fôra elevada pelos portentosos genios de Bramante, de Miguel Angelo, de Raphael; riquissima foi a Florença dos Medicis e não poudo impedir que a successão do gigantesco Buonarotti fosse devolvida, na falta de outros, ao debil Vasari¹; riquissima é hoje a Inglaterra e não consegue crear

¹ Fallo de Vasari como pintor. Longe de mim o pensamento de contestar o seu merecimento como compilador das curiosas noticias ácerca das vidas dos mais illustres artistas nas quaes porém se encontra muita falta de arte e muita parcialidade.

uma escola verdadeiramente nacional, apesar dos esforços sobre-humanos que tem empregado. Os artistas são como as flores; querem estas luz, calor e liberdade. As flores de estufa terão mais intensas côres, mais penetrante perfume; haverá uma ou outra que vença todas as suas rivaes, que domine um dia; mas as florinhas de campo são mais viçosas, mais frescas, mais duradouras. Carece indubitavelmente de protecção a arte, mas não quer que a animem demasiado, nem que lhe apressem artificialmente o desabrochar. Dêem-lhe todas as condições de existência e de desenvolvimento, mas não a abafem com exagerados favores, nem com exuberante riqueza. R. d'Azeglio sustenta que após um reinado de excessiva protecção para as artes, quasi sempre segue uma época de decadencia; Viollet Le-Duc vae mais longe e quer demonstrar que uma civilização muito adiantada é mais nociva do que favoravel ao desenvolvimento verdadeiro das artes. E assim é, quando o progresso material tomar o passo ao moral; quando a avidez do lucro substituir as nobres inspirações, o desejo de possuir muito e depressa se apoderar de todos e não der lugar á producção de obras sentidas com amor e executadas com consciencia.

No nosso paiz olha-se tambem com desfavor para a arte porque se crê que não temos disposições para ella. Nunca houve escolas em Portugal, dizem; houve apenas alguns artistas de mais ou menos merito.

E que provaria isto senão que nunca entre nós se realisaram as condições indispensaveis para a criação de escolas d'arte? Vieram primeiro as navegações, as longinquas conquistas; logo após foi o infeliz periodo da dominação castelhana; depois a restauração e as guerras que a seguiram—quando estas terminaram era uma época de geral decadencia para as artes. O marquez de Pombal era pouco artista; seguiu-se-lhe a invásão franceza e as luctas da liberdade. Nesta longa série de annos é mister confessar que pouco ensejo havia para curar de arte e de artistas. E comtudo, tão pouco exacto é dizermos, que o nosso paiz não é fadado para as artes, é innegavel que apesar de todos os estorvos que mencionamos, a architectura nos tempos de D. Manuel e D. João II, attingiu o supremo gráu de perfeição; a esculptura acompanhou-a. Testemunham-o obras ainda existentes. No reinado de D. Maria I, estas duas artes resentindo-se do pessimo gosto que dominava, chegaram comtudo a ter entre nós distinctos cultores. Se não fôra a absoluta falta de protecção ainda hoje estaria de pé a escola formada por Giusti nas obras de Mafra e que produziu alguns notaveis artistas. Seria facil provar que a pintura teve entre nós algumas vezes certa importancia. Sem querer entrar na tão controvertida questão ácerca de Grão-Vasco, quem haverá ahi de boa fé que possa negar a existencia em Portugal de uma escola de pintura pelos meados do seculo xv? Como explicar de outro modo a grande quantidade de quadros executados por aquella época e que povoavam e povoam as igrejas do paiz? Talvez não fossem menos de tres mil. Seriam todos feitos na Allemanha? Não será mais rasoavel suppor que Van Eyck, quando aqui esteve abriu escola e deixou discipulos, que produziram outros. Poder-se-ha talvez contar tres ou quatro gerações de artistas filhos d'aquella celebre escola, e que lhe conservaram as tradições, sem se deixarem influenciar pelos italianos e hespanhoes. A invásão castelhana destruiu o amor da arte porque destruiu a liberdade. Os artistas portuguezes ou emigraram, ou definharam de miseria, ou foram para Hespanha, em cujas escolas encontrámos alguns nomes portuguezes. O celebre Velasques era filho de portuguezes.

Estudemos melhor a nossa historia artistica e acharemos excessiva a nossa modestia. Um francez intelligente e conhecedor do nosso paiz, dizia-me ha pouco: «Vous avez un grand tort—c'est d'être trop modestes.»

Damos por demonstrado que não tivemos nunca escolas d'arte, nem artistas de nomeada e ficamos satisfeitos.

Desejo sinceramente que termine esta indiferença. A publicação de artigos como este que segue, é um bom exemplo. Despertará a muitos a curiosidade; a outros servirá de estímulo; mas todos o lerão com proveito. As monographias são a base da historia. São improprio trabalho a quem as emprenhe, mas os resultados que

d'ellas se derivam compensam os estudiosos que lhe tiverem dedicado o seu tempo.

S. H.

DIRK STOOP

Não é impossivel que aquelles que na nossa patria amam ou cultivam as artes, ignorem que um artista hollandez do seculo xvii, mais conhecido pelas suas aguas fortes do que pelo seu pincel, vivesse alguns annos n'esta nossa cidade de Lisboa. Julgámos ser agradaveis áquelles que prezam noticias curiosas e interessantes á arte em Portugal, offerecendo-lhes aqui alguns succintos apontamentos sobre o artista acima mencionado, o qual no seu tempo gozava de uma honrosa reputação.

Suppõe-se que Dirk Stoop nasceu em Dortrecht. Stoop, vindo a Portugal, foi nomeado pintor da infanta D. Catharina, e em 1662, acompanhou esta senhora a Inglaterra quando ella contrahiou matrimonio com o rei Carlos II.

Em 1678 voltou Stoop á sua patria onde falleceu em 1686, contando muitos annos de idade. Os quadros de Stoop acham-se em varias collecções da Europa, e sem merecimento transcendente, ha nelles muita vida e vigor de colorido. Stoop não tratava senão assumptos ou de guerra ou de caça, e esmerava-se sobretudo em representar cavallos, dando-lhes bastante expressão e movimento; bem que o seu typo seja longe do bello ideal d'este nobre animal, e o desenho nem sempre irreprehensivel. Porém não se faça crime a Stoop do que elle tinha de commum com todos os artistas do seu tempo e do seu paiz, que pela maior parte se tinham creado um typo de cavallo, meio de *convenção* meio frisão. Em Portugal encontram-se pinturas de Stoop; possuindo El-Rei D. Fernando dois quadros d'este artista, ambos representando combates entre turcos, e ignorámos que outra nação, pois que o incerto dos trajes só conjecturas permite. Um d'estes quadros é assignado e mostra por extenso o nome do artista D. Stoop fec. em 1652.

Ignorámos infelizmente quanto tempo este viveu em Portugal, sendo porém provavel que este quadro fosse pintado em Lisboa, pôde suppor-se que não foram poucos os annos que Stoop aqui se demorou. Bartsch attribue a Stoop dezenove aguas fortes, porém outros auctores mais algumas.

Aquellas indicadas por Bartsch são n.ºs 1 até 12 *varios cavallos*, de n.º 13 a 19, a viagem da infanta D. Catharina de Portugal a Londres para o casamento com Carlos II da Grã-Bretanha, collecção de sete estampas. As estampas de Stoop são estimadissimas pelos amadores de estampas antigas, e é bem singular que nós, que estes apontamentos escrevemos não achassemos até agora, depois de pesquisas e indagações de muitos annos em Portugal, senão uma unica estampa de Stoop. Esta unica estampa pertence á rarissima *serie da viagem* da infanta D. Catharina e faz parte da muito interessante e curiosissima collecção de estampas antigas (retratos e factos historicos) do ex.^{mo} sr. marquez de Rezende. Não foi tão pouco em Portugal que o sr. marquez encontrou esta estampa, foi-lhe dada na Allemanha.

Sabemos que todos os cuidados, e desejos do marquez para completar aqui a interessante serie da *viagem da infanta*, tem sido sem resultado. É tão rara esta serie que em poucas collecções se encontram mais do que dois ou tres numeros como affirmam os mais acreditados auctores nas suas obras ácerca dos *pintores-gravadores*. A serie das estampas relativas á viagem da infanta D. Catharina é de valor e interesse para a nossa historia, tendo além do merecimento do assumpto a particularidade não menos curiosa de nos mostrar o aspecto de varios pontos de Lisboa n'aquelle tempo. Não será por isso fôra de proposito descrever aqui estas sete estampas as quaes por emquanto não nos consta que alguém possua completas n'esta cidade.

Sabemos que El-Rei D. Fernando, não menos assiduo que o sr. marquez de Rezende em procurar as mencionadas sete estampas, teve por fim o prazer de as adquirir (completas) na occasião da venda de uma das melhores collecções de estampas d'Allemanha. Eis aqui a descripção das sete estampas sem alterarmos o pessimo e singular texto portuguez com que seu auctor quiz illustrar-as.

(N.º 31) Solemne entrada em Lisboa do embaixador inglez Lord Montague no dia 28 de março de 1662.

No alto lê-se: *O magnifiquie entrada etc.* The entrance of the Lord Ambassador, etc. Theodorus Stoop suae Maest. Reginae Angliae pictor. Com dedicação a Eduardo Conde de Sandwich.

N.º 2 (14) Solemne partida de Lisboa da Rainha em 20 de abril de 1662, com dedicação a Carlos II de Inglaterra. Theod. Stoop.

N.º 3 (15) Embarque da Rainha em Lisboa. The manner how her ma.^{tie} Dona Catharina imbarketh from Lisbon for England. Com dedicação a Francisco de Mello conde da Ponte. — *Rodrigo* Stoop.

N.º 4 (16) Jacob Duque de York encontra com a sua esquadra aquella da Rainha. The Duke of York's meeting with ye Royal Navy after it came into the channel. Dedicação ao Duque João de York. Rº Stoop.

N.º 5 (17) Desembarque da Rainha em Portsmouth. The manner of the Quean's m^{ties} landing at Portsmouth. Dedicado ao Duque João de Ormond Rodrigo Stoop.

N.º 6 (18) Entrada da Rainha em Portsmouth e a sua recepção no Tamisa pelo Lord Mayor e os deputados pela cidade em 23 d'agosto de 1662. The triumphal entertainment, of ye King and Queenes ma.^{ties} etc. Dedicado ao Lord Mayor. Rod. Stoop.

N.º 7 (19) A chegada de Carlos II e da Rainha aplampton couol. The comming of ye Kings, etc. A margem para a dedicação ficou em branco — Rº Stoop.

Ha de Stoop mais oito estampas que dizem respeito a Portugal. São oito vistas de Lisboa.

Estas 8 estampas são igualmente raras achal-as completas como as 7 mencionadas, nunca as vimos; portanto não as podemos descrever

ASSOCIAÇÃO DOS ARCHITECTOS CIVIS PORTUGUEZES

Synopse dos trabalhos da associação, na sessão da assembléa geral, do segundo trimestre, celebrada no dia 3 de julho de 1864, e apresentada pelo segundo secretario da mesa da mesma assembléa geral.

Contam-se hoje tres mezes que teve logar a primeira reunião da nossa associação, e perto de sete já se marcam de existencia d'ella; tão preciosa, tão desejada, e tão querida por nós todos, socios fundadores; mas apesar de alguns obstaculos que encontrou, eil-a aqui robustecendo-se! É forte o braço que a plantou, são affeitos ao trabalho os que a cultivam, são nobres, são grandes e poderosos todos aquelles que nos rodeiam, e que nos acompanham no esperançoso intento de a sustentar.

Se n'este relatorio não satisfizer aos vossos desejos, desculpae as faltas de engenho, e não da arte.; sêde indulgentes para comigo, como sois desvelados amadores da profissão que exerceis.

Mostrar-vos quaes têm sido os trabalhos de que nos havemos occupado em tão curto espaço de tempo, será todo o meu empenho; e se por ventura algumas omissões houver, serão mais para vos poupar o tempo precioso, do que por deixar de mencionar a verdade dos factos.

D'esta narração sincera vós senhores tirareis a prova do que acabo de expôr.

Na sessão de 18 de abril recebeu-se carta do ex.^{mo} sr. Ignacio Pizarro de Moraes Sarmiento, residente em Chaves, participando ao seu convite, de se prestar a comunicar á sociedade os esclarecimentos que estiverem ao seu alcance, relativos aos objectos de bellas-artes em que for consultado. — Carta do ex.^{mo} sr. de Rôure Pietro, de Thomar, promettendo ao sr. presidente de o auxiliar para o mesmo fim. — Proposta do sr. presidente para serem nomeados socios amadores os ill.^{mos} e ex.^{mos} srs. Antonio Mazzioti, Ignacio de Vilhena Barbosa, João Gomes Roldan e Manuel Maria Bordallo Pinheiro. — Outra proposta dos socios José da Costa Sequeira, J. P. N. da Silva, P. J. F. da Costa e V. J. Correia, pedindo que seja nomeado socio artistico o ill.^{mo} sr. Francisco Joaquim Bittencourt Silva, professor brasileiro de architectura civil da academia imperial; igualmente propozeram os tres mesmos socios para ser nomeado socio amador o ill.^{mo} sr. Angelino da Cruz Silva e Castro, professor de desenho do real collegio militar. N'esta sessão nomearam-se os de-

legados das tres secções; cujos presidentes devem compôr o conselho facultativo, conjuntamente com os funcçionarios da mesa da assembléa geral: n'este mesmo dia reuniu-se o conselho para tratar de objectos urgentes.

P. J. F. DA COSTA.

(Continua.)

SCIENCIA

Ventilação

CAPITULO PRIMEIRO

Principios geraes de ventilação; methodo de ventilar edificios, navios etc. por meio de acção espontanea ou por appparelhos mechanicos

Observa Réaumur que «o que a natureza ensina, breve se aprende», e como a natureza é o melhor e o mais antigo dos mestres, tomaremos dos animaes inferiores o nosso primeiro exemplo na historia da ventilação; e ousamos asseverar que não se dá em nossas casas, ou em numerosas assembléas problema mais difficil, ou com menor esperanza de solução que o do caso que se vae expôr.

Imagine-se uma construcção em fórma de zimborio, perfeitamente fechada ao ar externo, menos em baixo onde ha um pequeno buraco; esta construcção pôde conter trinta ou quarenta mil animaes cheios de vida e de actividade: cada porção aproveitavel d'este espaço fechado, está preenchido por um machinismo curioso. Ora, o problema é achar meio de aquecer e ventilar tal espaço, de modo que n'elle se mantenha uma temperatura apropriada e que alem d'isto se ministre a precisa porção de ar a cada um dos individuos que estão dentro d'elle.

São estas as condições de uma colmêa, e notaremos que, se com todas as nossas machinas, appparelhos e recursos scientificos, a operação combinada do aquecimento e ventilação é difficil, e pouco satisfaz applicada a uma de nossas casas; quanto mais o será applicada a um pequeno cortiço, cheio de abelhas, com a maior parte do seu interior cheio de favos; e unicamente tendo uma pequena abertura para dar entrada e saída aos habitadores, para escoar o ar viciado e admittir outro puro e fresco.

N'uma colmêa não ha absolutamente nenhuma outra porta, janella ou abertura mais do que aquelle pequeno buraco; porque as abelhas, quando tomam posse de um cortiço novo tratam de lhe tapar as fendas com uma substancia viscosa chamada *propolis* (em grego), com o proposito de não deixar penetrar os insectos nocivos; e o dono d'elle com o mesmo fim une o cortiço ao banco com cimento; e para o resguardar da chuva cobre-o com uma espessa camada de palha ou com um vaso grande.

Não se deve suppôr que por ser a vitalidade dos insectos maior que a dos animaes de sangue quente, não sejam as abelhas affectadas pelos agentes que nos affectam a nós, porque o são e similhantemente: caem com apparencias de morte se as encerram n'um vaso fechado, perecem nos gazes que nos destroem, transpiram e desfallecem com o calor excessivo e gelam até morrem quando expostas a muito frio.

Huber introduziu algumas abelhas no recipiente da machina pneumática. Supportaram sem damno uma rarefacção consideravel de ar; levando-a mais longe caíram sem movimento, mas reviveram expostas novamente ao ar. N'outra experiencia tomaram-se tres vasos da capacidade de dezeseis onças de fluido; n'um introduziram-se 250 abelhas obreiras, o mesmo numero n'outro, e 150 machos no terceiro; o primeiro e o terceiro fecharam-os, o segundo apenas parcialmente. N'um quarto de hora acharam-se mal as obreiras do vaso fechado; respiravam com difficuldade, transpiravam copiosamente e chupavam a humidade das paredes do vaso. N'outro quarto de hora caíram apparentemente mortas. Reviveram com a exposição ao ar. Os machos foram mais fatalmente atacados, por que nenhum só viveu. Porém as abelhas do vaso que admittia ar não padeceram. Examinando o ar dos dois vasos fechados reconheceu-se ter sido o oxygenio substituido pelo acido carbonico: introduzidas n'elle outras abelhas morreram immediatamente. Addicionando-lhe uma pequena porção de gaz oxygenio continuaram a viver n'elle outras abelhas; mas tor-

naram-se instantaneamente insensíveis sendo mergulhadas no acido carbonico, e reviveram expostas ao ar: morriam sem recurso no azote e no hydrogenio. Experiencias semelhantes feitas com os ovos, as lagartas e as chrysalidas das abelhas, provam a conversão do oxygenio em todos estes tres estados. As lagartas consumiam mais oxygenio que os ovos e mesmo que as chrysalidas. Os ovos expostos ao ar viciado, perdiam a sua vitalidade. As larvas resistiam melhor á influencia perniciosa do acido carbonico do que o insecto perfeito, mas as nymphas morriam n'elle instantaneamente.

Estas e outras muitas experiencias analogas provam que a respiração das abelhas tem sobre uma athmosphera fechada o mesmo effeito, vicia-a do mesmo modo que a respiração dos animaes de maiores dimensões, e que as abelhas demandam supprimentos de ar fresco do mesmo modo que os outros animaes. Requerem tambem que a sua habitação se conserve moderadamente fresca. Quando por qualquer circumstancia, como por exemplo a exposição ao sol, a accumulção excessiva ou a excitação produzida pelo medo, pela colera, ou pelo preparativo para levantar o enxame, quando estas causas elevam muito a temperatura da colméa, as abelhas soffrem evidentemente. Muitas vezes transpiram tão copiosamente que se molham com a humidade produzida; e nas bellas noites do estio podem-se ver milhares d'ellas penduradas em festões com o fim de remediar o estado de agglomeração da colméa.

(Continúa.)

J. J. MARQUES.

ARCHITECTURA

ESTUDOS DE ARCHITECTURA CIVIL ¹

A *belleza* da architectura depende de quatro principios ou elementos, que vem a ser: primeiro o *ornato*, segundo a *symetria*, terceiro a *eurythmia*, quarto a *conveniencia*. Para o desenvolvimento e circumstanciada explicação d'estes mesmos principios dividiremos a primeira parte dos presentes estudos em outras tantas secções.

SECÇÃO PRIMEIRA

Do ornato

O ornato consiste nos adornos ou aformoseamentos que se adoptam e empregam appropriadamente e com apurado gosto ás partes internas e externas dos edificios, ou de quaesquer contrucções architectonicas, etc.

Os principaes ornatos são as *ordens de architectura*; as produções da *esculptura*, da *pintura*, as *obras de marmore*; os *estuques de relevo*; as *doiraduras*, etc.

Das ordens de architectura

A palavra *ordem* significa um todo perfeito e harmonioso composto de *columna*, *entablamento*, e algumas vezes de outro corpo denominado *pedestal*.

As principaes partes de que se compõe a columna são: a *base*, o *fusto*, e o *capitel*.

As do pedestal constam da *base*, do *corpo*, ou *dado*, e da *cornija*, ou *coróa*.

As do entablamento comprehendem o *architrave*, o *friso*, e a *cornija*.

As mencionadas partes ou corpos, compõem-se ainda de muitas outras que as adornam e subdividem; cujo numero, fórmás, e proporções caracterisam e distinguem cada uma das ordens em especial; como teremos occasião de explicar e descrever para o diante em seus competentes logares.

Cumpre advertir que na architectura grega apenas se distinguem tres especies de ordens, porque só haviam outras tantas maneiras ou systemas de edificar, e vinham a ser: a maneira *solida*, a *mediana*, e a *delicada*. Á maneira sóida convinha a *simplicidade* dos adornos;

¹ Continuação da col. 5 do 1.º numero.

á *mediana*, a *elegancia*, e á *delicada*, a *gentileza* e *formosura* nos ornatos, nas molduras e em todos os detalhes... Rigorosamente falando, os gregos não adoptaram senão tres ordens de architectura, correspondendo cada uma d'ellas ás indicadas maneiras; as referidas ordens eram a *dorica*, de aspecto simples e grandioso; a *jonica* de apparencia esbelta e gentil, e a *corinthia* de configuração delicada e magestosa, reputada portanto como a mais bella e elegante ¹.

A descoberta e aperfeiçoamento das tres mencionadas ordens é geralmente attribuida aos antigos gregos, aos quaes compete, sem a menor duvida, a gloria de as terem elevado ao mais sublime gráu de belleza e de magnificencia; sublimidade e perfeição que debalde têm pretendido exceder as mais sabias e industriosas nações cultoras da sumptuosa architectura civil... Qual foi, porém, a causa que contribuiu e concorreu para que os gregos produzissem uma tão maravilhosa descoberta?... Este exame e averiguação não podem nem devem ser indifferentes ao artista, ao litterato, e ao amator de tão bella arte, nem reputado como um assumpto esteril e insignificante; porque só elle descobrirá o principal fundamento da grandeza e da incalculavel utilidade que os povos têm sabido tirar em todas as épocas da mais util e prestadia das artes liberaes. Busquemos portanto aquella origem: indaguemos os seus mais reconditos vestigios, e para que possámos colher os mais propicios resultados de nossas pesquisas, examinemos primeiro que tudo a historia d'esta maravilhosa arte, porque só n'ella descobriremos os principaes motivos da sua supremacia, da sua grandeza, e da elevada magnificencia que têm attingido as nações que desveladamente a honram e cultivam.

Continúa

J. DA C. SEQUEIRA.

CONSTRUCCÃO

Para se edificar e obter-se a precisa duração nas obras d'arte, não depende só de se applicarem as regras que indicam a melhor maneira d'ellas se executarem, pois para se conseguir a solidez e economia n'esses trabalhos, depende igualmente da boa qualidade e propriedade dos materiaes escolhidos: portanto para se conseguir esse vantajoso resultado, convem primeiro conhecer quaes são as diversas qualidades que no paiz possa haver; bem assim, o seu custo e distancia em que se encontram das principaes cidades. Julgamos pois ser conveniente apresentar aos nossos leitores, um mappa demonstrativo dos materiaes de construcção que existem em Portugal, o que muito facilitará a boa escolha e emprego nos differentes trabalhos que se empreenderem; assim como, poderá dar maior desenvolvimento a este ramo de commercio, sendo procuradas essas qualidades para as construcções. Ao mesmo tempo estes mappas, que continuaremos a publicar, serão de grande auxilio para os architectos, poupando-lhes investigações difficeis de se obter, offerecendo-lhes dados positivos para escolherem aquelles materiaes que melhor lhe convenham para as obras que tiverem de executar, e poderem igualmente com toda a exactidão calcularem os orçamentos d'aquelles de que se servirem para as differentes construcções em que forem applicados. Esta é a primeira vez que no nosso paiz apparece este objecto desenvolvido por este modo, tanto para utilidade dos architectos, como dos constructores nacionaes e estrangeiros.

J. DA S.

¹ Na architectura *greco-romana* contam-se mais duas ordens, que são, a *toscana* e a *composita*; a primeira offerece um caracter simples e solido, e a outra fórmás delicadas e esbeltas querendo assimillar a *corinthia* d'onde foi extrai-da. Estas duas ordens são propriamente romanas, e acham-se delineadas, e descriptas pelos diversos architectos que as inventaram entre os quaes prevaleceu Jacomo Barrozio de Viuholase, cujo systema de proporções e de fórmás é o mais bem combinado e harmonioso.

Os minuciosos detalhes e explicações d'estas 5 ordens podem ver-se no compendio que compilámos para instrucção de nossos discipulos do qual se tem feito já 4 edições.

DISTRICTO DO PORTO

Mappa demonstrativo pertencente aos diferentes materiaes de construcção que ha no reino de Portugal, comprehendendo suas localidades, distancia á capital do districto ou concelho; qualidade, preços respectivos, e aquelles dos carretos; assim como as diversas especies de madeiras, designando o diametro e altura maxima das arvores que a produzem. Este trabalho pôde servir de tabella para se calcularem os orçamentos das obras que forem construidas com estes materiaes, e poder-se comparar ao mesmo tempo as suas qualidades relativas, para se empregarem convenientemente.

27	Designação dos differentes materiaes	LOCAES			Qualidades	DIMENSÕES			PESO	Preço da unidade e transporte do local á cabeça de conselho	DISTANCIAS			PREÇOS		Quantidade que pôde transportar um carro do local á capital do districto	OBSERVAÇÕES
		Onde são expropriados ou cortados	Onde são fabricados	Onde são vendidos		Comp. m. ^o	Largura	Grossura			A' capital do districto	A' cabeça do concelho	A' estrada que lhe corre mais proxima	D'um jornal de carros tirados a cavalgaduras	Ditos puchados a bois		
PEDRA	N.º 1	Monte Pedral	-	Porto	Granito			0 ^m 1,3	30 "	4\$500	-	3 kilom.	-	-	-	1 m ³ ,33	Esta é a melhor qualidade. E extremamente duro. Obteem-se lages de grandes dimensões.
	» 2	»	-	»	»	»	»	»	27 »	4\$500	-	3 »	-	-	-	-	
	» 3	S. Gens	-	»	»	»	»	»	30 »	5\$500	-	7 »	-	-	-	-	
	» 4	Quebrantões	-	»	»	»	»	»	32 »	5\$000	-	2,5 »	-	-	-	-	
	» 5	Penafiel	-	Penafiel	»	»	»	»	31,50	3\$000	-	36 »	-	-	-	-	Empregado unicamente na localidade por causa da distancia.
TIJOLO	» 6	Santo Thyrsó	-	Santo Thyrsó	»	»	»	»	27,60	3\$500	-	29 »	-	-	-	0,53	De pedra britada.
	» 7	-	Arrabida	-	Ordinario	0,32	0,15		31,50	6\$000	»	3 »	-	-	-	350	Tijolos.
	» 8	-	S. Paio	-	De Thewoord	0,25	0,12	0,06	33 »	10\$000	»	3 »	-	-	-	-	Para se dar por este preço é preciso ser grande porção.
LOUZA	» 9	Vallongo	-	Vallongo	Com maior grossura da mais delgada	-	-	-	47,45	\$350	-	14 »	-	Pela estrada nova de Vallongo ao P.º	-	-	O Metro quadrado.
	» 10	-	-	»		-	-	-	9 »	\$415	-	14 »	-	-	-	-	
	» 11	-	Arrabida	Arrabida	Manta para canto	m. c.	corda	flecha	5,50	\$090	-	3 »	-	-	-	-	Cada um.
TELHA	» 12	-	»	»	Calão do meio	»	0,22	0,08	4,09	\$060	-	3 »	-	-	-	-	Telhas.
	» 13	-	»	»	Dito estreito	»	0,23	0,08	35,50	\$040	-	3 »	-	-	-	360	
	» 14	-	»	»	Dito para cume	»	0,17	0,07	38,90	\$035	-	3 »	-	-	-	-	
	» 15	-	»	»	Dito para beira	»	0,15	0,05	32, »	\$035	-	3 »	-	-	-	-	Milheiro
	-	-	St.º Ant.º do V. da Piedade	St.º Ant.º do V. da Piedade	Lizos		diamet.			20\$000	-	1,5 »	-	-	-	-	
AZULEJOS	-	-	St.º Ant.º do V. da Piedade	St.º Ant.º do V. da Piedade	Ditos em relevo					40\$000	-	1,5 »	-	-	-	-	
	-	-	»	»	Cano n.º 1	0,63	0,28	0,01	-	\$300	-	1,5 »	-	-	-	-	
	-	-	»	»	» 2	0,67	9,21	-	-	\$240	-	1,5 »	-	-	-	-	
	-	-	»	»	» 3	0,65	0,09	-	-	\$180	-	1,5 »	-	-	-	-	
	-	-	»	»	» 4	0,64	0,07	-	-	\$150	-	1,5 »	-	-	-	-	
TUBOS	» 5	-	»	»	» 5	0,62	0,08	-	-	\$120	-	1,5 »	-	-	-	-	
	» 6	-	»	»	» 6	0,61	0,05	-	-	\$090	-	1,5 »	-	-	-	-	
	» 7	-	»	»	» 7	0,61	0,05	-	3 »	\$060	-	1,5 »	-	-	-	-	
	-	Penafiel	-	Penafiel	Carvalho	15 ^m	-	0,5	2 »	16\$000	-	36 »	-	Pelo rio	-	-	
	-	Cerc.º do Porto	-	Porto	Castanho	9,7	-	0,42	1,60	14\$000	-	36 »	-	-	-	-	
SAIRO AREIA	-	-	-	-	Pinho	-	-	-	-	8\$500	-	36 »	-	-	-	-	Serrado em pranchas. Em páus descascados. Vende-se a 1\$500 á Montante da Ponte Pensil.
	-	Beira do Douro	-	Beira do Douro	-	-	-	-	-	6\$000	-	-	-	-	-	-	
	-	-	-	-	-	-	-	-	-	\$300	-	4 »	-	-	-	0,35º	
	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1\$000	-	-	-	-	-	-	Incluindo o transporte.
	-	Em qualquer cova no Porto	-	Praça Nova Porto	-	-	-	-	-	\$500	-	-	-	-	-	0,5º	

(Nota.) Os preços do lavor de paramentas por m² variam entre 300 réis por leitos e juntas; 400 a 500 réis para paramentas planas; e 700 réis para aparelhos que obriguem a desbaste de pedra.

BOLETIM DO TRIMESTRE

(JULHO A SETEMBRO)

1865

PELA NOVA ORGANISAÇÃO da escola imperial e especial das bellas-artistas de Paris, são nove os professores que compõem a secção de architectura, pela seguinte maneira:

Ha tres professores de architectura civil; um de mathematica; um de geometria descriptiva; um de perspectiva; um de geologia, physica e chimica; um de historia d'arte e esthetica; um de construcção, administração e contabilidade com applicação ás obras.

Quando haverá em Portugal um estudo completo n'este ramo?

O DISTINCTO ARCHITECTO de Washington, mr. *Meigs*, correspondente da nossa associação, presenteou a mesma com cincoenta e duas photographias, pertencentes ás diversas obras que este habil architecto tem dirigido no seu paiz; além das vistas do progressivo acabamento annual do magestoso Capitolio, o mais importante edificio que ha na America do Norte. Em o numero d'estas photographias, ha algumas que representam um quartel para 20:000 homens, e um hospital para 1:000 camas, o qual custou 50:000 dolards; tendo tudo sido delineado, e dirigidas as obras por mr. *Meigs*.

Este insigne architecto foi nomeado socio honorario da nossa associação.

O HABIL ARCHITECTO hollandez mr. *Outshoorn*, que delineou e dirigiu as obras do bello e novo edificio do palacio industrial de Amsterdam, offereceu á associação dos architectos civis portuguezes as plantas d'aquelle palacio desenhadas pelo seu proprio punho, e seis magnificas photographias representando as vistas externas e do interior d'aquelle elegante construcção: este delicado offerecimento foi apreciado não só pela lembrança, como pelo seu merecimento architectonico; e por isso se julgou digno de figurar na exposição universal do Porto, entre os desenhos de architectura.

O MAGESTOSO EDIFICIO DE VENEZA, da praça de S. Marcos e da *Piazzetta* ameaçam ruina, principalmente as antigas *Procuratias*, esse gigantesco palacio e de tão vistoso aspecto, precisa a mais urgente restauração. O máu estado do palacio dos *Doges* e da igreja de S. Marcos, ainda é maior a ruina, e teme-se que desabe! A commissão para a conservação dos monumentos de Veneza, tem tomado o maior empenho em evitar que isto venha a acontecer; porém as difficuldades são immensas: sendo a menor d'ellas os fundos necessarios, mas sim de precisar trabalhos tão melindrosos em terreno tão pouco compacto; a fim de se poder conservar o que foi edificado em outras eras, para senão destruir o seu merecimento artistico.

AS ESCAVAÇÕES DE BABYLONIA tem produzido descobertas interessantes. No tumulo de Nimrond, acharam-se quatro baixos relevos de dimensões colossaes, representando episodios guerreiros dos Assyrios; assim como muitas inscrições, o que prestará aos archeologos esclarecimentos de um grande interesse.

UM NOVO HOSPITAL EM PARÍS, vae occupar uma superficie mais vasta do que tinha o Hôtel-Dieu: o plano d'este novo edificio

que já foi approvedo, é de mr. Gibert, architecto do município de Paris; e foi presidente da associação central dos architectos no anno findo n'aquella capital; sendo tambem o artista francez que obteve o terceiro premio no concurso para o monumento de S. M. o Imperador D. Pedro IV. Será uma grandiosa obra, recommendando-se muito pela bem entendida distribuição, commodidade do serviço, e necessaria ventilação; além de apresentar o caracter adequado para que é destinado este edificio: não nos admira, trabalho tão completo sendo delineado pelo habil architecto que tem dirigido obras importantes, como foi ultimamente a nova casa da *Morgue* em Paris.

OS DESENHOS DE ARCHITECTURA, que a respectiva secção da commissão central das bellas-artistas para a exposição internacional do Porto póde alcançar, comprehendem o projecto da estação principal da via ferrea, que se devia construir em Arroios, este risco é do socio fundador o sr. Paulo J. Ferreira da Costa; o projecto e modelo do novo ERARIO, edificio que se principiou a construir na Patriarchal Queimada, risco do habil architecto José da Costa e Silva; bem como as plantas e fachadas do primitivo projecto do real palacio da Ajuda; e do mesmo edificio o novo risco para o seu acabamento, que o governo mandou elaborar em 1863 por uma commissão composta de cinco membros, dos quaes tres architectos pertencem á nossa associação, sendo os sr's. J. da Costa Sequeira, J. P. N. da Silva, e Valentim, J. Correia. Este trabalho mereceu ter-se dignado S. M. mandado expedir pelo ministerio das obras publicas a seguinte portaria:

Ministerio das obras publicas commercio industria—Repartição das obras publicas—Livro 8 n.º 317—Tendo sido presente a sua magestade el-rei os trabalhos executados pela commissão nomeada pela portaria de 5 de maio do anno passado, para confeccionar o projecto e orçamento das obras que fossem necessarias para a conclusão do real palacio d'Ajuda; manda o mesmo Augusto senhor pela secretaria de estado dos negocios das obras publicas, commercio industria; declarar ao presidente da referida commissão que viu com agrado os ditos trabalhos, os quaes vão ser remetidas ao conselho das obras publicas para dar sobre elles o seu parecer, e poder em seguida a mesma commissão, proceder aos detalhes indispensaveis para completar o sobredito projecto—O que pela mesma secretaria de Estado se communica ao conselheiro Filipe Folque para seu conhecimento e para que assim o faça constar aos outros membros da referida commissão.—Paço, em 17 de julho de 1865—Duque de Loulé—Para o conselheiro Filipe Folque.

Tambem a mesma commissão central escolheu tres modelos de architectura, que haviam servido para a explicação da arte monumental nas prelecções que o architecto socio fundador J. P. N. da Silva fizera no inverno passado em uma das salas da associação.

Será por esta maneira representada a classe dos architectos civis, por projectos os mais importantes, que nos tempos modernos, artistas portuguezes tenham delineado para a capital.

J. DA S.

EXPLICAÇÃO DAS ESTAMPAS DO PRESENTE NUMERO

As estampas numeros 2 e 3, representam a planta terrea do novo edificio para o Erario Regio, e a sua fachada principal; risco e obra, que o visconde de Villa Nova da Rainha, inspector das obras publicas, incumbira em 1789 ao archirecto civil José da Costa e Silva; tendo sido escolhido o terreno do Alto da Cotovia, actualmente Praça do Principe Real.

Deu-se começo á referida obra aos 12 de julho de 1790, a qual continuou até 1794: mas tendo-se feito uma reforma na repartição das obras publicas, ficou determinado limitar o pessoal empregado n'aquella edificação ao numero de 346 operarios e 60 cavalgaduras; todavia por manejos occultos, se decidiu em 11 de fevereiro de 1795, que fosse dada esta obra de empreitada, pela arrematação feita pelos mestres de obras Francisco Fernandes e Joaquim Baptista, pelo preço de 5:000\$000 mensaes; o que se verificou em 21 de março de 1795, por insinuações do mestre de obras Joaquim de Oliveira, ao qual se deu então umas casas no sitio de Santa Luiza, ou uma pensão de 80\$000 réis até ficarem as ditas casas desoccupadas; sendo n'esta occasião director das obras publicas o coronel de engenheiros Manuel Caetano de Sousa, não obstante ter sido prometido esse logar a José da Costa e Silva, quando viesse a fallecer o architecto Reinaldo Manuel dos Santos que exercia aquelle logar.

No anno de 1797 aos 15 de fevereiro, ficou reduzida a prestação mensal a 1:000\$000 réis, pela escacez de meios da fazenda publica; e tanto assim era, que a 29 de novembro do referido anno, mandou-se suspender a obra. Tendo-se medido n'esta occasião toda a construcção, resultou ser a sua importancia, depois das empreitadas, da quantia de 172:675\$748 réis; restando-se ainda aos empreiteiros 36:404\$118 réis. A edificação chegou á altura da segunda fiada de cantaria acima do terreno, e n'esse estado se conservou até 1833, em que por ordem do governo se mandou desmanchar e entregar á camara municipal o chão, para se formar n'ella a Nova Praça que tem actualmente o nome do Principe Real, a qual se concluiu em 1865.

EXPLICAÇÃO DA ESTAMPA PERTENCENTE AO PRIMEIRO NUMERO DO ARCHIVO DE ARCHITECTURA

Representa a planta geral do convento e real palacio de Mafra, a qual foi delineada, e encarregado de a pôr em execução o habil architecto civil Frederico Ludovici; apparecendo n'este segundo numero a continuação da sua biographia, principiada em o primeiro numero d'este jornal, na terceira pagina columna primeira. Compõe-se esta planta de duas partes muito distinctas: a primeira, pertencente á frente principal, comprehende os apoentos reaes occupando o lugar dos dois torreões, estando ligados um com o outro por uma extensa galeria, a qual dividida ao centro pela egreja. Na outra parte da referida planta, aquella que lhe fica por detraz da primeira divisão e n'um corpo reentrante, era esta occupada pela habitação de trezentos religiosos. A egreja tem 62,^m26 de comprimento, e 31,^m24 de largo.

Este edificio abrange uma superficie de 2:800 metros e levou treze annos a construir. O numero de operarios foi de vinte e cinco mil, que trabalhavam diariamente; e o custo d'esta grandiosa obra edificada em tão limitado tempo, considerando-se ser toda feita de cantaria lavrada, sustidos os andares por abobadas, enriquecida de marmores, com cincoenta e oito bellas estatuas, foi de cincoenta e dois milhões de cruzados.

Entre as cousas mais notaveis que encerra esta grandiosa fabrica, deve-se mencionar o ter 886 salas e casas interiores, 5:000 portas e janellas. Os dois carrilhões se compõem de 114 sinos, os quaes pesam 7:250 toneladas. A casa da bibliotheca, formada de um lado inteiro do quadrado do jardim é do comprimento de 88^m,88 por 9^m,57 de largura; sendo a maior que possui Portugal e encerra 28:000 volumes.

BIBLIOGRAPHIA

ARCHITECTURA

L'art architectural en France, depuis François 1^{er}, jusqu'à Louis 14^{me}, par mr. Poyet et Darcel. 1 vol. de 100 planches et texte in 4.^o Paris chez Noblet.

Obra muito interessante, pois faz conhecer que de todas as épocas o renascimento tem sido o menos conhecido até hoje; além de ter sido nas anteriores publicações sobre architectura, desprezado até hoje as decorações internas dos edificios, e por tanto mais recommendada se faz esta publicação, por se ter occupado de uma parte tão essencial da architectura.

HISTORIA

Histoire et caractère de l'architecture en France, depuis l'époque druidique jusqu'à nos jours. Paris, Morel, in-18.^o

Investigar qual tem sido a transformação da architectura através os seculos de existencia de uma nação, é sem duvida um trabalho de grande importancia para se conhecer o progresso da arte, como comparar o seu caracter ás diferentes phases sociaes por que essa nação passou até á presente época: é debaixo d'esta fórma philosophica que esta obra se acha elaborada, e por isso se recommenda aos architectos a sua leitura.

SCIENCIA

Le cubage de bois, par mr. Vitard et Bacé; Paris, Dunod.

É de grande auxilio esta obra, pois que apresenta indicações muito uteis, regras com bastante exactidão para applicação de processos muitas vezes complicados da dendrometria; além d'este livro ser redigido com muito methodo, qualidade de grande valia em obras d'este genero.

Traité de la stabilité des constructions, par mr. le Dr. Hermann Scheffler; Paris, Dunod, in 8.^o, avec atlas.

Posto que haja outros tratados sobre este tão necessario conhecimento de solidez das construcções, todavia esta obra do conselheiro das obras publicas do Ducado de Brunswick, se recommenda pela clareza com que está escripto, e pelo profundo saber do seu auctor n'esta materia. É incontestavelmente um dos melhores livros que se têm publicado sobre este tão important e assumpto.

J. DA S.

ASSOCIAÇÃO DOS ARCHITECTOS

IMPORTANTE RESOLUÇÃO TOMADA POR ESTA ASSOCIAÇÃO PARA O DESENVOLVIMENTO DAS ARTES INDUSTRIAES EM PORTUGAL

Esta associação espera abrir no dia 22 de janeiro do anno futuro, no edificio gothico do Largo do Carmo, uma exposição archeologica durante trinta dias; será composta de obras primas de todas as artes industriaes, de todos os estylos, em todas as materias pertencentes aos outros seculos, as quaes tem estado occultas em Lisboa ao estudo do publico, e agora vão pela primeira vez ser expostas á curiosidade dos admiradores. Nos dias sanctificados estará publica esta exposição para os artistas; e nos outros dias se dará pela entrada uma pequena quantia; sendo applicada esta receita para se tirarem photographias dos objectos mais importantes que estiverem patentes, para serem trocadas estas estampas por outras dos museus industriaes da Europa, e haver por esta fórma no museu de archeologia dos architectos portuguezes, uma variada e completa collecção para servir de modelo e estudo aos artistas industriaes do nosso paiz. A associação já tem a promessa de ser protegida e auxiliada pelas pessoas mais distinctas e illustradas da nossa patria, as quaes por esta fórma concorrem gostosamente a augmentar o esplendor d'esta exposição contribuirem generosamente para utilidade de tão patriotico pensamento.

Explicação da planta

- a = Vestibulo principal
- bb = Escada nobre
- cc = Entradas para a thesouraria-mór
- d = Contadoria Geral da Corte
- d' = Dita das Provincias
- d'' = Dita da Africa Occidental
- d''' = Dita da Asia e Rio de Janeiro
- e = Thesouraria-mór
- ff = Salas para conferencias
- gg = Cartorios
- hh = Salas particulares
- ii = Casas de espera
- jj = Gabinetes
- kk = Salas do continuo
- ll = Escadas de serviço
- mm = Serventia das contadarias
- nn = Arrecadações
- o = Vestibulo particular
- p = Escada para a casa forte
- qq = Xaguões
- rr = Corredores
- so = Privadas

Renvoi du plan

- a = Vestibule principal
- bb = Grande escalier
- cc = Entrée de la grande Trésorerie
- d = Premier bureau du royaume
- d' = idem des Provincas
- d'' = idem de l'Afrique Occidentale
- d''' = idem de l'Asie et du Brésil
- e = Grande Trésorerie
- ff = Salles pour des délibérations
- gg = Archives
- hh = Salles réservées
- ii = Salles d'attente
- jj = Cabinets
- kk = Salles du garçon de bureau
- ll = Escalier de service
- mm = Dégagement pour les bureaux
- nn = Dépôts
- o = Vestibule réservé
- p = Escalier du service pour le trésor
- qq = Petites cours
- rr = Corridors
- so = Lieux d'aisance

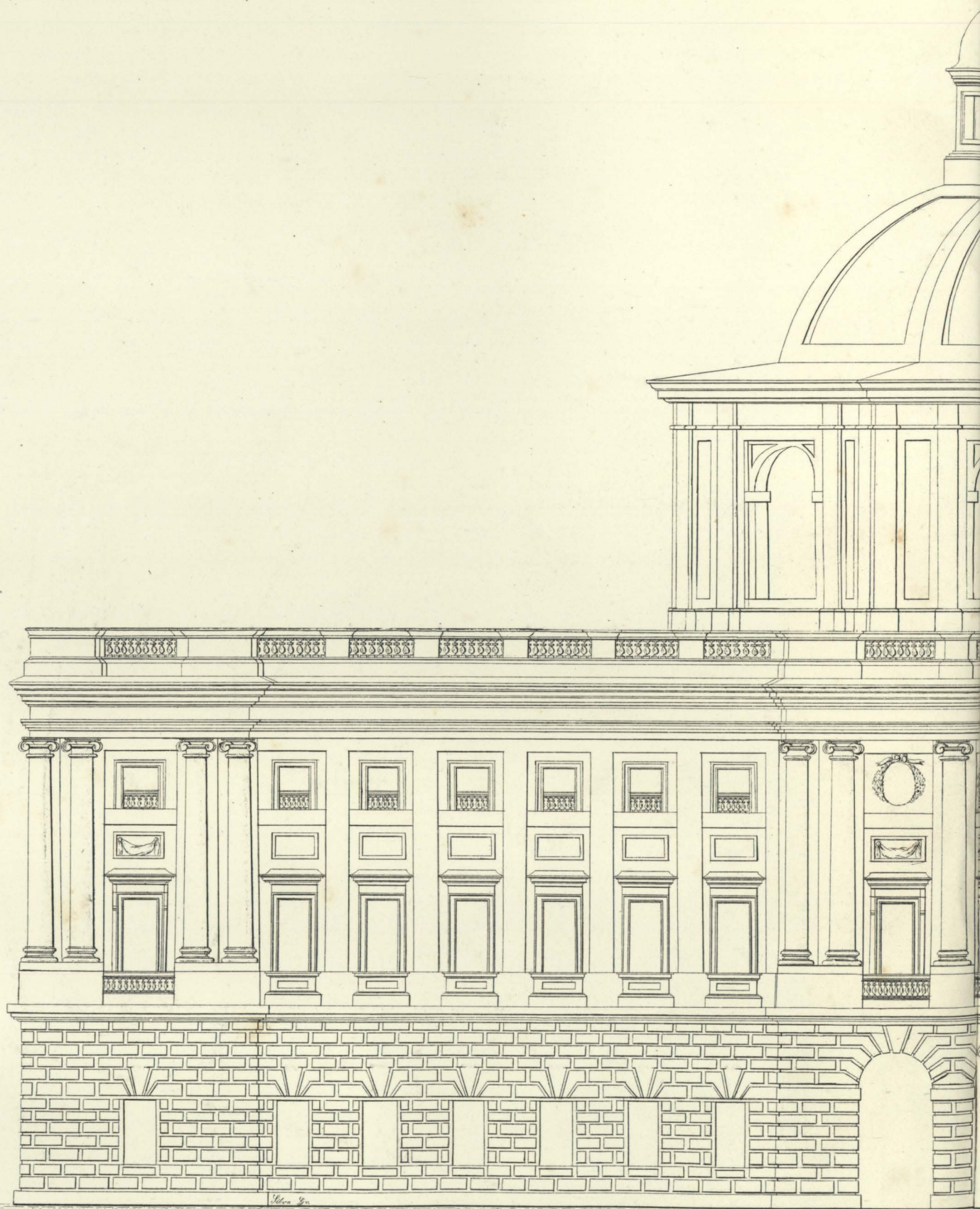
Planta terrea do edificio do novo Erario
Deliniada pelo Architecto Civil
José da Costa e Silva
em 1789

Plan du rez-de-chaussée du nouveau
Hôtel des Finances à Lisbonne, projet
de l'Architecte Joseph da Costa e Silva
fait en 1789

Escala

0 1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 20 30 40 Metres

Primeiro Anno = 1865



*Fachada Principal
do projecto para o novo Erario que devia ser
edificado em Lisboa em 1789,*

0 1 2 3 4 5 6 7 8 9 10



Façade du Palais des Finances par
l'Architecte Joseph da Costa e Silva, qu'on
devait bâtir à Lisbonne en 1789,

30

40 Metres